

SOU MISTO DE CAMPONESA E ESTRELA DO CÉU

Maria Luiza Salomão,¹ Franca

sm-salomao@uol.com.br

Resumo

A autora tenta se aproximar da fronteira entre psicanálise e literatura, seguindo o “antimétodo”, como Clarice Lispector define sua forma de escrever. Os conceitos psicanalíticos estão implícitos (encarnados) na análise da obra. A autora procura uma espécie de “desentendimento” do que Lispector quis tratar nessa obra, considerada por ela mesma algo que estaria “acima” de si própria: em uma Nota, no início, Clarice afirma que o livro *A aprendizagem ou o livro dos prazeres* pediu a ela uma liberdade maior, que ela teve medo de dar. A autora se deu liberdade para tentar acompanhar a escrita clariciana, também com medo, tateante. Nesse romance há a busca de um encontro entre dois seres, sabedores que o sensorial, o encontro físico, sexual, entre um homem e uma mulher poderia ser impedimento de recriá-los como seres individuados e, portanto, muito mais capazes de sofrer dor e sofrer prazer. Palavras-chave: literatura, psicanálise, Clarice Lispector, tornar-se humano

I'm a mix of peasant and sky star

Abstract: The author tries to approach the border between psychoanalysis and literature, following the “anti-method”, as Clarice Lispector defines her way of writing. Psychoanalytic concepts are implicit (embodied) in the analysis of the work. The author seeks a kind of “misunderstanding” of what Lispector wanted to deal with in this work, considered by herself to be something that would be “above” herself: in a note, at the beginning, Clarice states that the book *The Apprenticeship or the Book of Pleasures* asked her for greater freedom, which she was afraid to give. The author gave herself the freedom to try to follow Clarice’s writing, also afraid, groping. In this novel there is the search for an encounter between two beings, knowing that the sensory, the physical, sexual encounter between a man and a woman could be an impediment to recreating them as individuated beings and, therefore, much more capable of suffering pain and pleasure.

Keywords: literature, psychoanalysis, Clarice Lispector, becoming human

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Há um jogo de intensidades na escrita de Clarice, onde o viver significa aumentar sua força, esta que nos convida a esquecer, e outra que nos leva para lugares despovoados, e ainda na afirmação da vida que criamos a nós mesmos a partir de nossos valores próprios, paradoxalmente, lutando contra nós mesmos.
(Luiz Lopes)

Eu sou sim. Eu sou não. Aguardo com paciência a harmonia dos contrários. Serei um eu, o que significa também vós.
(Lispector, 1994a, p. 297)

Fragmentária, assim se apresenta Clarice Lispector. Há que ter rigor ao falar sobre sua obra, para que não soe algo sintético e conclusivo. É preciso seguir essa sua autodefinição paradoxal – mulher simples e sofisticada, camponesa e estrela do céu, sem pender para cá ou lá.

Gosto de uma frase sua contundente, retirada de um conto: “antes eu era uma mulher casada. Hoje sou mulher”.

Na frase, a substância complexa do *sou mulher* (vale um tratado filosófico!). A *unicuês* do ser mulher: imediatamente somos lançados dentro de um mistério. O que é ser mulher? E o que é ser mulher para Clarice?

Percorrer sua obra é um garimpo esperto. Ela disse, bem ao finalzinho de sua vida, que ela era Martim, personagem masculino, do romance *A maçã no escuro*, de 1956, publicado em 1960, logo após desfazer seu casamento com um diplomata brasileiro. Martim trava uma odisseia, e tem o texto bíblico – Gênesis – como pano de fundo. Lispector diz ser esse romance “o seu mais bem estruturado”.

Como bem destacou a editora-chefe Anne Lise Scappaticci, o livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* retrata uma odisseia de Loriley, mas também de Ulisses, casal cujos nomes remetem à mitologia. Mas, inversamente à *Odisseia* de Homero, é Ulisses que assume a posição de Penélope a esperar Lóri, Loriley, que se aventura. Os gêneros, nessa *Aprendizagem*, não estão restritos ao sexo dos personagens.

Loriley e Ulisses, no romance, buscam o “feminino” no homem e na mulher – a capacidade de acolhimento, de espera, de ativa continência a estados mentais turbulentos. O desenvolvimento daquilo que Bion denominou função analítica, a função alfa operando na transformação do sensorial no psíquico, no espiritual.

Cabe a Ulisses, professor de Filosofia, a espera – em atitude semelhante à do psicanalista. Em carta a Clarice, Fernando Sabino mostra desgosto com esse personagem masculino, considerando-o arrogante, pedante. Ulisses se põe como alguém que seduz Lóri, mas igualmente teme a sereia nórdica, Loriley, que atrai os marinheiros do Reno.

Loriley, a protagonista, é uma professora de Ensino Fundamental: ela busca constituir-se como sujeito. Ao contrário do astuto Odisseu, que ludibriou o gigante automeando-se “Ninguém”, Lóri esforça-se para assumir para si mesma seu nome. Ou, como convida Ulisses, a ser ela mesma.

Escrito em 1967, depois de sobreviver a um incêndio que deixou Clarice Lispector entre a vida e a morte e queimou sua mão direita, *Uma aprendizagem* é como uma ode à vida, em sua *possibilidade* de fruição e prazer vividos em detalhes. Trata da *possibilidade* (em se tratando de Clarice, tudo pode e não pode ser) de um encontro entre dois seres. Os papéis sociais estereotipados do homem e da mulher são invertidos, um ano antes da chamada Revolução Sexual, que teve como referência o ano de 1968. Destaca temas tabu, como o prazer feminino, o questionamento de uma sociedade patriarcal nas entranhas mais comecinhas de formas estéticas, desde vestir-se, estar, comer, relacionar-se, identificar-se com seus desejos e repressões. Enfim, humanizar-se.

O tema central explicitado e repetido é *o mais urgente para o ser humano é tornar-se humano*.

Começando com uma vírgula, entramos em um monólogo de Loriley, que se vê questionada por Ulisses no seu nome de sereia e vendo-se sacudida do interior “como uma árvore forte que é mais profundamente abalada que a árvore frágil – afinal rebentados canos e veias...”. O texto segue página e meia em fluxo de consciência: ela se vê mal servida pela empregada; Ulisses achava que ela não tinha bom gosto para arrumar maçãs na fruteira, nem para escolher um vestido; confusa para chamar um encanador; indecisa quanto a recusar um convite para um coquetel; pensando no que Ulisses representava para ela.

Uma tentativa de escapar à realidade a faz montar uma lista de *faz de conta*: que vivia e não que estivesse morrendo, pois viver afinal não passava desse aproximar cada vez mais da morte... que tudo o que tinha não era faz de conta... que ela não estava chorando por dentro.

Somos jogados, como leitores, dentro do mundo interior de Loriley e do seu sistema de comunicação com Ulisses. Ausências físicas, mudas ofertas e pedidos, à luta pela aprendizagem, não intelectual. Ulisses se comunica com Lóri, não querendo assumir posição de conselheiro, mas os dois não estão em uma situação de igualdade. *A aprendizagem* como um *processo* complicadíssimo para os dois, preparo para a liberdade de ser e vir a ser. Aquilo que no título do livro, Kundera, em 1984, evocava em uma só frase – *A insustentável leveza de ser*.

Em Lóri um sentimento de desamparo, sentimento de vida não vivida. Mascarada. Nesse mundo de Lóri, também a batalha contra a sedução feminina, estereotipada, voltada para o sensorial, no uso de encantos imaginários para atrair – vestidos justos, perfumes.

Lóri se vê Esfinge: desejo de ser decifrada, e a ameaça de que poderia devorar quem não o conseguisse. Mas, querendo ser encontrada, se esconde, camufla, é inacessível.

Há erotismo permeando os gestos de Loriley e de Ulisses. Um erotismo que permite a morte dos “eus” individuais, dos dois, e a construção de um Eu possível e capaz de encontrar o Outro. Há duas partes no livro – 1. A origem da primavera ou a Morte necessária em pleno dia. 2. Luminescência.

O tempo articula esse processo da aprendizagem e a história se passa de uma primavera a outra, ciclo de morte e nascimento. Trevas/luz.

Por vezes, há intenso ódio em Loriley, que a resseca, por não querer depender de Ulisses, que diz não querer apenas o corpo dela, mas também sua alma. Loriley se acalma, quando Ulisses lhe diz que a esperará até que esteja pronta para estar com ele em corpo e alma.

Lóri assume sua dificuldade em viver, em pensar. Poderia, um dia, soltar de uma mão de Ulisses que a segurava, enquanto a outra a empurrava para o que sentia como abismo? Esta a questão: “a vida não é de se brincar, porque em pleno dia se morre. A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano”.

Devagar, aos poucos, Lóri aprende a fazer “pequenas incursões pela vida”. Percebe que pensar não lhe era natural e que tinha uma “vida a vida”, não um dia a dia. Suas experiências desvelam para ela mesma sua incapacidade de sofrer, não só a dor, mas principalmente o prazer. Vai aprendendo a se aproximar das coisas, ver como são, sem conferir um *significado* de esperança ou dor. Ressoa bioniana essa procura de “vazio de significado”. Lóri percebe, enfim, o medo que tem da *vida*.

Muitos silêncios permeiam a obra. Como a autora consegue escrever silêncios? Clarice, autora, ao falar dos silêncios em que se debate Lóri, refere-se a uma experiência pessoal – o silêncio de Berna, onde viveu, casada com um diplomata brasileiro. “Será um silêncio de morte, sem palavras? Há um silêncio, diz Lóri, que é o de dentro da gente. Seria o Deus?”

Esse Deus de Clarice, que permeia sua obra, o Deus impessoal, é substância, vem acompanhado de artigo – o Deus.

Em longo monólogo, Lóri fala da necessidade de *coragem* para enfrentar isso que ela chama de Silêncio, o Nada, o vazio. Mesmo não sabendo expressar

o que é esse silêncio, Lóri vai desvelando o seu medo, que, ao cortar a dor, cortava junto o seu sentir. Sem a dor, Lóri não tinha nada, perdida, alheia de si e dos outros.

Ulisses seria sua tábua de salvação? Ceticamente, no entanto, Lóri começa a perceber que “um ser não transpassa outro, como sombras que se transpassam”.

Não entender, diz a ela Ulisses, passa a ser um meio de pensar, “compreender é sempre um erro”, algo da condição humana.

Ao perceber que Lóri evitava a dor, Ulisses diz da pobreza do seu amor, e do fingir que existe algum entendimento e alguma alegria. Diz: “temos construído catedrais e ficado do lado de fora, pois as catedrais que nós mesmos construímos, tememos que sejam armadilhas”.

Nesse tom professoral, Ulisses reitera que é possível aprender a amar, e até mesmo aprender a ter alegria. Mas também diz: “não é com bons sentimentos que se faz literatura, a vida também não”.

Lóri, por sua vez, começa a assumir que sua maior dificuldade no caminho do saber é ela mesma. Espera uma palavra dita por Ulisses ou lida. Ulisses chega a sugerir a Lóri que reze, contradizendo seu desejo de respeitar a experiência pessoal de Lóri, que percebe a contradição.

Lóri tenta rezar, sem recitar palavras: “quando pudesse sentir plenamente o outro estaria salva e pensaria: eis o meu porto de chegada. Mas antes precisava tocar em si própria, antes precisava tocar o mundo”.

Mas Ulisses, ao evocar o prazer em Lóri, era sentido como perigoso por ela, e Lóri quer recuar. Emerge uma angústia pela possibilidade de não ter a capacidade de sentir a dor e, assim, o prazer.

Freud tem razão. Eros é turbulência, é movimento, desperta angústia. E Lóri resolve, pela primeira vez, mergulhar no mar. Há erotismo nesse mergulho: “aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos”.

Uma evocação de fertilização pela água do mar, como o sêmen do homem.

Essa mesma cena é recortada e transformada em crônica, publicada em jornal, e está no livro póstumo *A descoberta do mundo*. O mesmíssimo texto (Lispector, 1994d, p. 513). Esse trecho em que Lóri adentra o mar e bebe a água evoca ainda outro texto de Clarice e seu pai, que dizia a ela que beber água do mar purificava o de dentro. Edípico, sensual e erótico.

O Deus, impessoal, vem na sequência do texto associado a sua tendência a se maquiagem, a se mascarar, assumir uma “persona”. Vê no gesto

de se mascarar uma escolha: “escolher a própria máscara era o primeiro gesto voluntário humano. E solitário”. Lóri, na *Aprendizagem...*, vai compreendendo que a máscara não consegue esconder a verdade – “que ela não sabia viver”. Em outra crônica, “Persona” (em *A descoberta do mundo*), esse trecho também reaparece, quando Clarice (1994b, p. 77) evoca o filme de Ingmar Bergman, homônimo.

Lóri, nessa *Aprendizagem...*, precisava estar de alma nua, com outro tipo de proteção, para o encontro amoroso.

Almas não se entendem, diz o poeta Manoel Bandeira, os corpos sim. Lóri vê que despir-se na alma é muito difícil, daí a máscara, e também a anestesia da pílula de dormir.

Apesar dos seus 56 anos desde a publicação, o livro é atual. Reflete sobre a constituição do “ser feminino”, no homem ou na mulher: há profundidade no desbancar clichês românticos, no questionamento da ordem patriarcal, na releitura do Gênesis bíblico, dos mitos de Eros e Psiquê, da *Odisseia*.

Olga de Sá (1984/2004), ao analisar o livro em sua tese de doutorado na PUC-SP, define *A aprendizagem...* como uma reversão paródica da solidão na felicidade a dois, o signo banalizado-sublimado. Seu trabalho traz questões já presentes no primeiro romance publicado, em 1943, de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*. Três questões interessantíssimas feitas por Joana, a protagonista: 1. O que se consegue quando se fica feliz? 2. Depois que se é feliz, o que acontece? 3. Ser feliz é para se conseguir o quê?

É extraordinário como todas essas perguntas e o próprio livro *A aprendizagem...* trazem outras questões fundamentais em nossos tempos vorazmente velozes, em que observamos relações humanas descartáveis, como se objetos de consumo a serviço de uma masturbatória satisfação.

Nesse sentido, recomendo o filme *O livro dos prazeres*, de 2019, direção de Marcela Lordy, a qual diz em entrevista que – por experiência pessoal e também pelos “tempos de hoje” – essas reflexões sobre as questões trazidas pelo livro de Clarice são não somente atuais como necessárias para pensar o sentido do Amor, deste “feminino” no homem e na mulher, na vital necessidade de desenvolver algumas das capacidades apontadas por Clarice, por meio dos personagens de nomes míticos: a espera, a renúncia e a busca de humanização. Claro que a linguagem cinematográfica é outra, diferente da que caracteriza a literatura, e a diretora se apropriou livremente da obra literária.

Reproduzo um diálogo entre Lóri e Ulisses:

Ulisses: Teus olhos, mudando inteiramente de tom, são confusos, mas tua boca tem a paixão que existe em você e de que você tem medo. Teu rosto, Lóri, tem um mistério de esfinge: decifra-me ou te devoro.

Ela se surpreendeu de que também ele tivesse notado o que ela via de si mesma no espelho.

Lóri: Meu mistério é simples: eu não sei como estar viva.

Ulisses: É que você só sabe, ou só sabia estar viva através da dor.

Lóri: É.

Ulisses: E não sabe como estar viva através do prazer?

Lóri: Quase que já. Era isso que queria te dizer.

(1967/2020, pp. 84-85)

Na sequência, Ulisses diz que a alegria, tal como sente, é revolucionária. Por ser áspera e eficaz, (a alegria) não se compraz em si mesma... todas as pessoas poderiam ter essa alegria, mas estão ocupadas demais em ser cordeiros de deuses.

Tento ilustrar o paródico, destacado por Olga de Sá (2004). O “Cordeiro de Deus”, bíblico, é Jesus Cristo, que morreu na cruz. Clarice ironiza aqui a necessidade, religiosa, de exaltação do sofrimento como forma de aprendizagem.

Adélia Bezerra de Menezes (2021) também comenta “o contraponto (do romance clariciano) com a *Odisseia*”. Retoma uma análise do filósofo Theodor Adorno. Odisseu/Ulisses, em Homero, foi amarrado ao mastro e vedou os ouvidos dos barqueiros, para não sucumbir ao canto mortífero das sereias. Bezerra de Menezes ressalta que, “para o homem primitivo, grego ou semita, o desejo de *saber* – de ser como os deuses – era o desejo fatal”. E a promessa das sereias, na *Odisseia*, era que, ao ouvi-las, Odisseu se tornaria mais sábio. Odisseu, ao resistir, escapou da danação, diz Bezerra de Menezes.

Seduzir, etimologicamente, quer dizer sucumbir a um desvio, e Bezerra de Menezes retoma a caracterização de Odisseu por Adorno como aquele que *renuncia* em vários embates – com o Ciclope (renúncia ao nome, chamando-se de Ninguém), com os lotófagos (renúncia a comer o fruto do esquecimento), tendo como objetivo a necessidade de se constituir como sujeito, como aquele que teria a capacidade de “domar o coração”. No romance de Lispector, Lóri aventura-se, identificada com Odisseu. Ulisses espera. A *aprendizagem* que os personagens do romance realizam, quando individuados, é a do encontro amoroso. O processo de *A aprendizagem*, sendo o da busca da individualização, constitui-se em aventura *interior*. Adélia Bezerra destaca o *Leitmotiv* do romance como o *tornar-se um ser humano*.

Lóri é *Eva*, morde a maçã, mas Clarice inverte o curso do Gênesis. Lóris, ao morder, entra no Paraíso, como uma transgressão que leva à lucidez, a um *saber*, graça concedida. A condição humana, com essa transgressão – a mordida da maçã –, acresce no aprender a amar mais, a esperar mais.

Vida/morte

Destacaria, ainda, uma conversa dos dois personagens sobre a relação truculenta entre vida e morte. Ulisses diz a Lóri que gosta de galinha ao molho pardo, do sangue que come e que lhe revela a sua própria truculência. Lóri, espantada, admite que também gosta do prato, mas não aceita a morte de um ser vivo, a galinha, que tanta aprecia viva. Ulisses diz:

As pequenas violências nos salvam das grandes. Quem sabe se não comêssemos os bichos, comeríamos gente com seu sangue. ... nasce-se com sangue e com sangue corta-se para sempre a possibilidade de união perfeita: o cordão umbilical. Muitos morrem com sangue derramado por dentro ou por fora ... a truculência é amor também.

Um capítulo central, esse, para a aprendizagem de Ulisses, e de Lóri: o sentido de amar/morrer, de comungar/se separar. Estar vivo ou morto. Ressoa Winnicott, em 1963, “o amor envolve destruição”.

Lóri, no processo, apreende, finalmente, sua “fome de alma”: “conhecia o mundo dos que estão tão sofredamente à cata de prazeres e que não sabiam esperar que eles viessem sozinhos ... Lóri suportava a luta porque Ulisses, na luta com ela, não era seu adversário: lutava por ela”.

Ulisses dizia que aprendera a viver com o que não se entende. Cria no que é inacreditável. Para Lóri, as contradições de Ulisses o tornavam humano. Ulisses repete à exaustão, mesmo que de forma intelectualizada, o valor da experiência pessoal e intransferível. A experiência emocional, a que ele também se submete. Diz Ulisses: “muitas coisas você só tem se for autodidata, se tiver a coragem de ser. Em outras, terá que saber e sentir a dois. ... Espero também que você queira ser dois em um”.

Lóri começa a aceitar o mistério de estar viva. O que ressoa winnicottiano. Depois de falar ao telefone com Ulisses, e ele lhe dizer *agente*, em um instante de desespero, Lóri começa a sentir que *não era necessário que a coisa fosse*

extraordinária para que nela se sentisse o extraordinário. E mais: “que a pessoa devia deixar-se inundar pela alegria aos poucos – pois era vida nascendo”.

A angústia associada ao prazer, e a luta de Lóri para cortar o sofrimento, deixando-a privada de sentir, e, portanto, de pensar, bionianamente falando, leva Lóri, a um processo de descoberta: “das experiências humanas e animais mais importantes: a de pedir mudamente socorro e mudamente este socorro ser dado”.

Os seres vivos, afinal, dependem uns dos outros. Aí reside a genialidade do método psicanalítico. Reconhecer a dependência é uma forma de se engajar em um processo de se constituir como sujeito, autônomo.

Ao perder um objeto, Lóri se põe em perspectiva – “Se eu fosse eu”, onde acharia o objeto? –, mais um trecho do livro que virou crônica separada (Lispector, 1994c, p. 160), publicada em *A descoberta do mundo*, muito difundida nas mídias sociais. A perspectiva de se ver como alguém fora/dentro de si mesma, simultaneamente, é fértil para pensar/sentir e se tornar acessível a um outro, até mesmo ao Outro, Ulisses. E, no entanto, traz ainda maior angústia a Lóri, a se perguntar quem ela é.

Sabemos o quanto a análise caminha quando o paciente é capaz de se desdobrar, como faz Lóri, vivendo e podendo sentir/pensar/tentar nomear o que sente, em parceria com o analista.

A pergunta quem sou eu não é pergunta que se faça, é a mais difícil de todas, orienta o professor Ulisses. Ressoa novamente winnicottiano – é mistério para ser sustentado.

Lóri avalia: “A capacidade de sofrer era a medida da grandeza de uma pessoa e salvava a vida interior dessa pessoa”.

No meio da noite, da chuva, sem maquiagem, de camisola, chega até a casa de Ulisses, que se ajoelha diante dela. Há o encontro, agora físico, depois de muitas renúncias e experiências emocionais interiores.

Ulisses pergunta: “amar será dar de presente um ao outro a própria solidão? Pois é a coisa mais última que se pode dar de si”. Ao que Lóri reflete, em paralelo: “meu caminho chegou ao fim: quer dizer que cheguei à porta de um começo”.

Ficamos, nós, leitores, com os dois pontos, ao final sem final, e podemos continuar a odisseia, infinita, inenarrável.

Restamos com fragmentos. Momentos. Não é assim que o método psicanalítico se nos conduz?

Referências

- Lispector, C. (1994a). *A descoberta do mundo*, 4ª. Ed. Francisco Alves.
- Lispector, C. (1994b). “Persona” (2 mar. 1968). *A descoberta do mundo*. Francisco Alves.
- Lispector, C. (1994c). “Se eu fosse eu” (30 nov. 1968). *A descoberta do mundo*. Francisco Alves.
- Lispector, C. (1994d). “As águas do mar” (13 out. 1973). *A descoberta do mundo*. Francisco Alves.
- Lispector, C. (2020). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Posf. de M. Lordy. Rocco. (Trabalho original publicado em 1967)
- Menezes, A. B. de (2021). “Sereias: sedução/conhecimento/danação”. In C. R. P. Passos & Y. Rosenbaum (Orgs.), *Um século de Clarice Lispector: ensaios críticos*. Fósforo.
- Sá, O. de (2004). *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. Annablume (Selo Universidade, Literatura 8).